



“S.M”, 1961, Joaquim Rodrigo.

Tema e significado

Tal como em outras obras deste período, o tema incide sobre o contexto político e social do país no início da década de 1960: a polícia política, a guerra colonial, acontecimentos pontuais de reação ao Estado Novo, tudo tratado de forma mais ou menos velada.

No caso concreto desta pintura, é retratado o assalto ao paquete Santa Maria (ao largo dos Açores) e, para escapar à censura, o quadro recebeu o título de “S.M”.

O episódio, ocorrido em 1961, foi protagonizado por Henrique Galvão, que tomou de assalto o navio, declarando-o espaço português independente do Governo, com o intuito de chamar a atenção dos *media* internacionais para a situação política portuguesa.

O assunto foi realmente noticiado na imprensa internacional, mas em Portugal a informação, demasiado controlada, deu apenas a versão oficial dos acontecimentos.

Contudo, a população procurava saber mais, interpretava e reinterpretava o que ouvia, o que se falava em voz baixa, à mesa do café, entre amigos.

É da troca de informações orais sobre o facto concreto ocorrido e das hipóteses interpretativas então surgidas que fala o quadro de Rodrigo

- o fundo, que representa o mar, é verde;
- as letras "S.M" e a figura do barco representam o paquete;
- a cabeça humana, o próprio Galvão;
- o paraquedas e as armas são alusões aos boatos que corriam sobre futuras ações de Henrique Galvão , que previam a sua descida em qualquer parte do país para novo assalto ao regime.

Características formais

Esta obra pertence ainda à fase das primeiras explorações do que viria a ser, pouco depois, a sua linguagem pictórica. Nela se observam já as características da pintura de Rodrigo: formas bidimensionais, decores primárias, em representações gráficas de pessoas, animais, objetos de uso comum, sinais e elementos geométricos, dispostas num fundo de cor única.

É um quadro de intervenção e denúncia daquilo que os meios de informação não podiam ou não queriam mostrar. Mas não é ousado apenas pelo tema. Também o é pelas suas características formais e estéticas: o uso de lápis de cores baratos, em colorações básicas (verde, azul, vermelho, amarelo) e o grafismo esquemático, um mundo de signos como desenhos rabiscados durante uma conversa à mesa do café.

Estas imagens elementares e esquemáticas, de fácil apreensão, parecem apontar para uma comunicação de massas, daí que este quadro pode ser confrontado com o movimento da *Pop Art*. Mas é de notar a originalidade da obra de Rodrigo não só pelo tema, como pela atitude face à comunicação de massas. A *Pop* americana mantinha uma atitude moral neutra, aceitando as contradições da sociedade americana, servindo-lhe de espelho e usando os seus mecanismos de comunicação. A obra de

Rodrigo é de oposição e de intervenção, não só pelo tema, como até pelos signos: eles aparecem como contraponto às imagens mecânicas (e ideologicamente controladas pela censura)veiculadas pelos *mass media* em Portugal. De tudo isto ressalta a grande originalidade da obra de Joaquim Rodrigo, não só no contexto artístico nacional, como internacional.

<http://www.prof2000.pt/users/clara1geia/FichasPinturaJRodrigo.htm> (consultado em 2011-12-05)

JOAQUIM RODRIGO

Joaquim Rodrigo (1914-1996) engenheiro agrónomo de formação, iniciou já tarde a sua carreira artística. Depois de uma fase de amador, com uma pintura figurativa marcada por Matisse, tomou contacto com o abstracionismo em 1952, numa viagem a Paris, onde se interessou pela obra de Vasarely e Mondrian, entre outros.

Em 1954 está presente na exposição da Galeria de Março, organizada por José Augusto-França, o I Salão de Arte Abstrata, e a sua obra destaca-se entre os abstrato-geométricos. Explora então esta vertente da pintura, onde assume uma posição de vanguarda, procurando articular as formas em função da forma matricial do próprio quadro: em 1955estuda a alternância da cor na mesma estrutura linear; em 1956 estuda os valores luminosos; a partir desta altura e até ao final da década, merecem a sua atenção as linhas retas que seccionam a área em proporções por números inteiros (influência de Mondrian).

A partir de 1960, rompe definitivamente com estes valores ao introduzir uma forte componente figurativa, mantendo contudo a clareza metodológica adquirida no abstracionismo geométrico. É autor de uma pintura figurativa, apelidada de neofigurativismo, baseada em representações rigorosas de formas propositadamente muito simples colocadas sobre fundos de cores lisas. Para o artista, tratava-se de fazer uma pintura cientificamente correta, certa, de modo a ser automaticamente compreendida e apreendida por quem a visse, como explicará mais tarde no seu livro “O Complementarismo em Pintura” (1982)

No neofigurativismo de Rodrigo, as formas, de linhas simples e poucas cores, aparecem recortadas nos fundos. São composições de figuras humanas, animais, letras, sinais, figuras geométricas e outras, dispostos em esquemas que explicam histórias e impressões do artista acerca de diversas temáticas relacionadas com a sua vida. Numa primeira fase do seu percurso, eram temas próximos do contexto político e social português dos anos 60, assuntos que não eram objeto de notícia dos jornais controlados pela censura, mas que muita gente falava, em surdina, com cautela e

receio: os grandes acontecimentos políticos internos (ações da oposição, como o assalto ao Santa Maria, em 1961, a guerra colonial, as manifestações operárias) ou as notícias do resto do mundo, então na ebulição dos anos sessenta, com a contestação juvenil, as lutas raciais, as vanguardas culturais...

Ao longo da década de 60 os temas escolhidos passaram a ser cada vez mais as recordações de viagens, de filmes e de outros eventos, tornando-se cada vez mais pessoais as suas figuras “certas”. Persegue a teoria da cor e nos seus quadros ela é reduzida a duas cores, o vermelho e o ocre, e a duas não-cores, o branco e o preto. A distribuição do cromatismo e das figuras obedece a regras que ele próprio definiu.

Apesar de aplaudido pela crítica mais qualificada, a pouca informação do público e os preconceitos de alguns críticos e artistas (que não conseguiam entender que praticantes do geometrismo – Rodrigo- e do informalismo -Paula Rego- pudessem manifestar preocupações psicológicas e sociais), fez com que não se desse a valorização imediata e devida a este artista. Mais tarde, quando as suas obras começa a ser aceites, foram-no sobretudo pelo referente político narrado e não tanto pela inovação na linguagem visual. É então que Joaquim Rodrigo passa a concentrar-se na sistematização dessa linguagem do signo puro, expressiva agora da sua vida pessoal, como garantia de que a sua mensagem iria persistir

Assim, nas obras da década seguinte o quadro é transformado numa sintética cartografados signos de um itinerário pessoal. Em 1976 escreve “O Complementarismo em Pintura”, que será publicado em 1982, e onde pretende sistematizar e teorizar a arte da pintura portuguesa no séc. XX

As obras dos anos 80 introduzem de forma mais declarada a memória associada a uma profusão de paisagens

Esta arte de signos que Joaquim Rodrigo desenvolveu de forma tão original, remete para o grafitismo, uma forma de expressão iniciada nos EUA e mais próxima de uma apreensão por parte da gente comum, logo, usada como contraponto às imagens mecânicas dos meios de comunicação de massas. Está, deste modo, relacionada com as marcas antissociais que povoam a paisagem urbana. Mas a arte de Rodrigo tem também alguma inspiração na arte dita Primitiva, nomeadamente nas pinturas da Lunda (Angola) e na arte dos aborígenes da Austrália, onde se verifica a mesma redução cromática. E para além destas referências, a arte de Rodrigo relaciona-se com a imaginação, a memória, elementos retirados do inconsciente, de uma existência original ou arquétipa.

À laia de conclusão, podemos dizer que Joaquim Rodrigo foi o inventor daquilo que ele mesmo chamou “pintura certa”, uma arte figurativa, única pela originalidade temática e pela coerência de princípios formais.